

O GRITO

boletim da comissão de solidariedade aos presos políticos portugueses •

MAIO -70 N:8

O GRITO VOLTA A APARECER

"O GRITO" volta a aparecer.

Só dificuldades técnicas e outras o impediram de sair e circular, porque razões para gritar continuaram a existir mau grado o nosso silêncio.

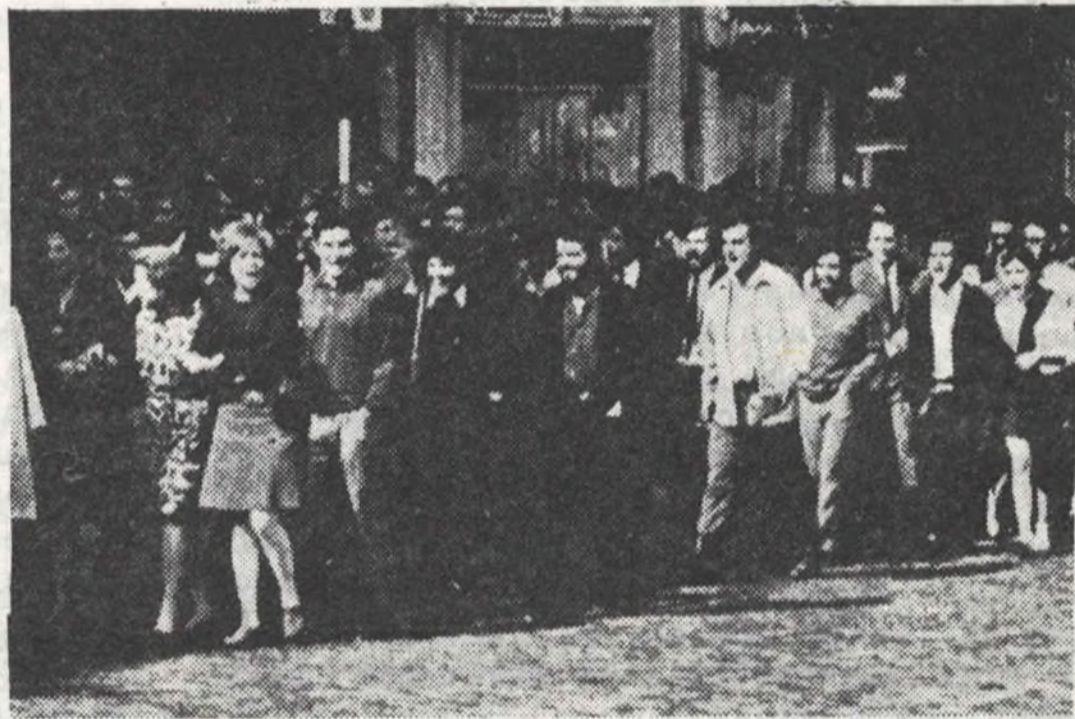
A doença do velho ditador Salazar e a ida de Marcelo Caetano para a chefia do Governo não trouxeram diferenças fundamentais em tudo o que respeita a repressão e ao aparelho repressivo. Continuaram os fascistas a prender e a torturar, a manter o isolamento dos presos e os bárbaros regulamentos das cadeias políticas, a proibir os contactos entre presos e famílias. Continuou o regime de terror em todo o país, com uma actividade de agentes da PIDE, da GNR, da PSP e outros reforçada em perseguições, escutas, informações etc. Continuou a repressão económica, política, militar e cultural, sobre todos os que nas

fábricas e oficinas, nos campos, nas escolas, nas forças armadas, nas colónias, nos barcos, apresentaram reivindicações de salários, melhoria de condições de trabalho ou de estudo, de protesto contra os métodos empregados pelas autoridades civis ou militares, no Continente como nas Colónias, como na própria guerra.

Por tudo isso o grito dos presos, dos perseguidos, dos familiares e amigos, de todos os democratas e anti-fascistas reboou por todo o país mais forte ainda reivindicando Amnistia geral, dissolução da PIDE, inquérito às condições existentes nas cadeias políticas, dissolução dos tribunais especiais (Plenários), etc.

Esse grito, que é também o nosso GRITO, foi mais poderoso ainda no período "eleitoral" que o País viveu em Outubro. Por todo o lado aquelas reivindicações apareceram à luz do dia, por todo o lado se

(Cont. na pg.5)



Uma manifestação dos estudantes em Coimbra.

■ AMNISTIA! UM GRITO NACIONAL

O descaramento da linguagem de Marcelo Caetano não tem limites. Em diversas ocasiões afirmou não existirem presos políticos por manifestação livre de pensamento, mas sim uns quantos, agitadores subversivos uns bandoleiros perigosos.

Isto não é só uma vergonhosa mentira que a realidade dos factos desmente, como também uma ofensa a todos aqueles que, tendo o melhor das suas vidas à causa do povo.

Pretendem os fascistas com esta campanha de calúnia e demagogia, travar a força do movimento democrático-popular pela amnistia, tarefa condenada desde já ao fracasso.

A força do movimento democrático-popular pela amnistia cresceu de forma irresistível durante o período eleitoral e após este. De Norte a Sul de Portugal ecoam os gritos do nosso povo. "Liberdade para os

(Cont. na pg.2)

CARTA DE PORTUGAL · LISNAVE·

13,30 horas do dia 11 de Novembro de 1969. Uma voz corre a margem sul do Tejo. Aos nossos olhos algo estranho se passa. Os operários da Lisnave fazem greve. É verdade. Os gigantescos guindastes, lanças levantadas, estão vazios e imóveis. Que se passara afinal?

Estes homens, cansados do seu duro trabalho, esgotados pela chuva e pelo sol, pediam aquilo que por justiça lhes cabia: o mesmo aumento que iria ser dado ao pessoal de escritório - 8% de aumento sobre o pagamento de 30 dias e mais um mês de gratificação pelo Natal. A Administração justificava que os 8% existiam para eles também mascarados sob a forma de pagamento de 29 dias e um mês pelo Natal (este sujeito a todos os descontos...). Estes homens pediam a igualdade. Foi-lhes negada. Por isso, apesar da chuva e do frio, do cansaço e da fome, em grupos de cerca de 300, em frente do edifício da Administração, tendo como palavra de ordem a calma e a não provocação, estes homens em greve pediram então o que se lhes tinha tornado justo: o aumento de 25400 diários ou a continuação da greve.

No dia 12 ambos os estaleiros estavam em greve. Navios partiam quebrando amarras, puxados por rebocadores de outras empresas. Depois de reunir de novo, a Administração recusou. Perante a firmeza dos operários de todos os turnos, as 3 da madrugada do dia 13, o estaleiro foi invadido pela polícia de choque (com todo o arsenal) e pela GNR a cavalo. Estavam presentes os altos comandos destas duas forças. Acoçados como animais perigosos estes homens, vestidos apenas com o seu fato de trabalho foram obrigados a ir buscar refúgio no desabrigado largo de Cacilhas. Nessa manhã o turno das 8 horas quis entrar. Palavra de ordem: entra, trabalha de vagar e pára. Esperavam assim ganhar tempo e voltar a reagrupar-se para uma nova greve. Um PIDE interveio. Resultado: A divisão dos operários em jovens com menos de cinco anos de casa (a maioria; a Lisnave-Margueira tem três anos e meio de idade) e velhos com mais de cinco anos. Homens que tinham a perder direitos adquiridos ao longo dos anos e das lutas anteriores, hesitavam. Só a estes últimos a partir de então foi possibilitada a entrada. O estratagema resultou. Obrigados a um documento que estabelecia que quem o assinasse aceitava automaticamente não só a renumeração que a empresa achasse por bem lhe conceder, como também a dar o melhor do seu rendimento de trabalho, tudo recomeçou. Os outros assinaram no dia seguinte. Resultado cerca de 400 operários despedidos ou despedidos e readmitidos com perca para alguns de 25 anos de casa.

A reacção foi enorme nos meios operários e da Oposição. Em muitas sessões de propaganda democrática foram aprovadas noções de solidariedade aos operários despedidos e de protesto contra essa medida repressiva.

Unamo-nos nessa luta contra a repressão sobre o movimento operário!

LÊ
ASSINA
E DIVULGA

O GRITO

	6 Nos	12 Nos
França	4.80 f	9.60 f
Outros países	5.20 f	10.00 f

pedidos de assinatura a:

Mr. Jean Marcu - B.P.80 94 Vincennes
CCP 16 343 17 - Paris
(com a indicação, "ao O GRITO")

POLICIA NA UNIVERSIDADE

gentes dessa associação.

Em resposta a estes actos repressivos os estudantes entraram em "luto académico" (greve). Não conseguindo demover a firme a atitude, nem romper a unidade estudantil, o governo encerrou toda a Universidade até aos exames. Em face a mais esta medida repressiva foi decidido em assembleias de milhares de estudantes, greve aos exames, o que foi conseguido com uma percentagem de abstenções aos exames da 97% dos alunos inscritos nesse ano, que eram 8.700.

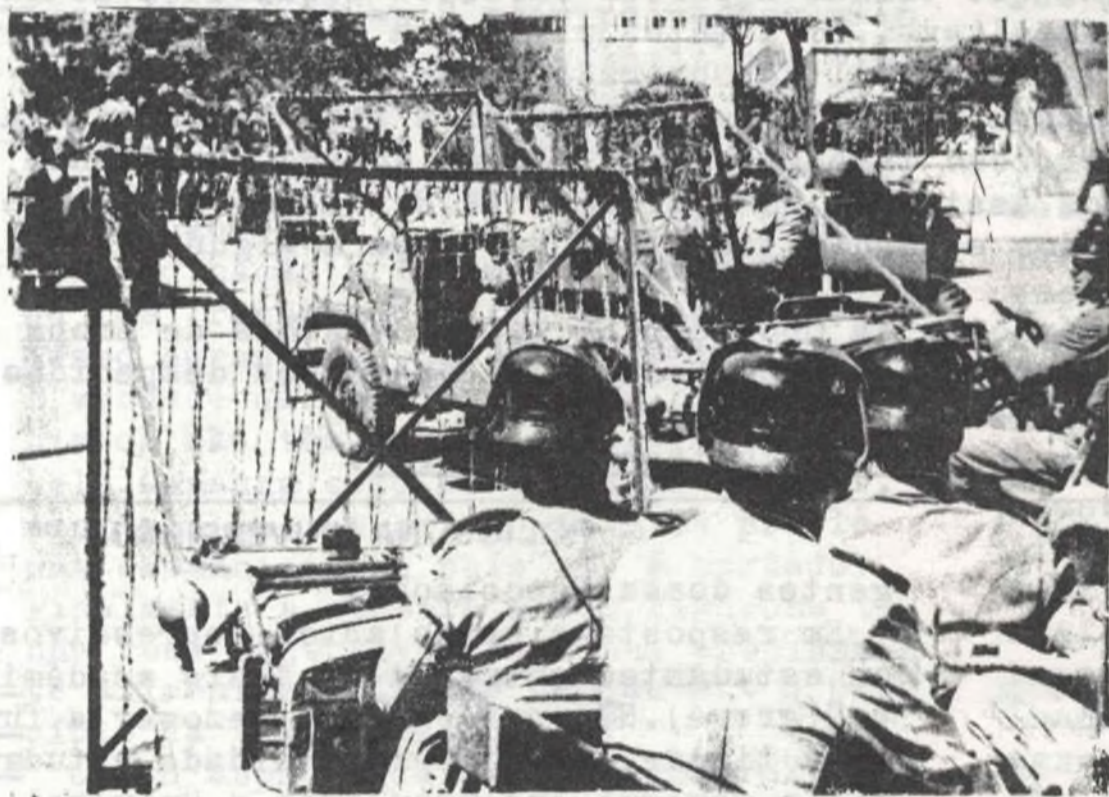
POLICIA NA UNIVERSIDADE

universal, constitua no dominio dos factos, a arma policialesca e militarizada de um governo teimosamente disposto a não fazer distinção entre os seus aquartelamentos de GNR, as masnorras da PIDE e a Escola Nacional. A Universidade Humanista pela qual se batem neste momento milhares de estudantes, quando vier um dia a abrir as suas portas aos "filhos dos homens que nunca foram meninos" virá também a abrir as suas portas ao verdadeiro povo português. Por isso, ao mesmo tempo que desbravam o caminho libertador de uma juventude inteira, os estudantes rasgam a grandes passos a construção de um Portugal novo, onde a democratização da cultura e do ensino deixem de ser relíquia de compêndio e passem a constituir realidades palpáveis de todos os portugueses.

Em Lisboa, no Porto e em Coimbra - a repressão tem o mesmo significado.

Ela procura impedir a luta reivindicativa dos estudantes, desmoralizá-los, dividi-los, intimidá-los, privá-los dos seus dirigentes, despedaçar as suas estruturas representativas. Assim tenta o Governo combater as exigências estudantis de uma Universidade aberta aos filhos de todos os portugueses, democraticamente gerida por professores e estudantes, isenta de todas as pressões exteriores e verdadeiramente posta ao serviço do Povo Português.

É-nos impossível relatar aqui todas as lutas que ilustram a combatividade dos estudantes no ano lectivo 1968/69. Referimos apenas uma de cada Universidade para que os nossos leitores possam compreender o que se está passando na Universidade Portuguesa em 1969/70 (que relataremos no próximo número).



(Dezembro 1968) todas as Faculdades e Institutos Superiores **LISBOA**

estiveram em greve de vários dias (até às férias do Natal), protestando assim contra a invasão policial do Instituto Superior Técnico, fecho da associação Escolar e demissão dos seus dirigentes. O governo não conseguiu por isso impôr uma Comissão Administrativa e os estudantes acabaram por forçar o ministro da Educação a autorizar novas eleições, que ganharam.

■ ■ ■

(Fevereiro 69) Numa reunião de centenas **PORTO**

de estudantes que discutiam os seus problemas, interveio a PIDE e a policia de choque, mandada chamar pelo Reitor, dissolvendo violentamente a reunião e agredindo vários estudantes. Uma manifestação que os estudantes organizaram no dia seguinte nas ruas da cidade, foi também policialmente dissolvida, PIDE, policia de choque, cães-polícias.

(Abril, Maio e Junho 69) Na inauguração de um edificio **COIMBRA**

escolar, pelo presidente da República, o presidente da Associação Académica pediu-lhe a palavra em nome dos estudantes, o que lhe foi recusado. Houve então uma manifestação de protesto na sala em que os estudantes presentes gritaram em cânticos: **FRANCOS, LIBERDADE, DEMOCRACIA!** Pouco depois foi preso o presidente da A.A. e suspensos das aulas todos os diretores.
(cont. pg. 3)

«NATAL DOS PRESOS POLÍTICOS» resultado da campanha

Como é já tradição, a Comissão de Solidariedade aos Presos Políticos Portugueses promoveu uma vez mais a Campanha de Solidariedade de Natal aos Presos Políticos Portugueses, e suas famílias. No âmbito desta campanha levámos a efeito a festa de fim de Ano, realizada na Salle des Ecoles em Montreuil, e cujos benefícios seriam destinados ao mesmo fim. No entanto, e com pesar o dizemos, esta festa não só não deu lucros, como teve uma reduzida participação de compatriotas: cerca de 350 o que foi muito pouco. Para isto contribuiu em certa medida um trabalho deficiente da nossa Comissão e por certo outras causas.

A nossa campanha desenvolveu-se através de campanha de fundos, por meio de listas em francês e português, de carnets de valores diferentes e do envio directo de donativos para a nossa caixa postal, e teve o apoio e a colaboração dos Comités de Ajuda à Luta do Povo Português e do Movimento Democrático das Mu-

(cont.da capa)
formaram comissões de solidariedade, de amnistia, que recolheram milhares de assinaturas, editaram brochuras ou manifestos a favor dos presos e contra a repressão, fizeram reuniões de informação, etc.

Firmemente apoiado no seu aparelho repressivo e militar, o fascismo não cedeu àquele clamor nacional mas viu-se obrigado mesmo assim a fazer concessões parcelares: vários presos políticos, homens e mulheres saíram da prisão ao fim de muitos anos de pena, e alguns com ela já cumprida há muito tempo; durante o período "eleitoral", procurando enganar o povo (e os correspondentes estrangeiros) sobre uma possível "liberalização" em curso, não procedeu àquelas vagas de prisões a que Salazar nos habituara; suavizou certas barbaridades evidentes no ambiente prisional.

Como porém a grande vontade do povo de fazer desaparecer a PIDE se transformou num grito que percorreu o país de norte a sul; os fascistas, que não podem viver sem essa polícia resolveram anunciar que a "suprimiam" e "criavam" em seu lugar uma Direcção Geral de Segurança com menos poderes e sujeita ao ministro do interior que vigiaria a autoridade policial: Por meio dessa farsa? Caetano deixou de pé todo o aparelho repressivo e apenas mudou o nome. Os mesmos agentes, os

lheres Portuguesas Emigradas.

Nos começos de Dezembro de 1969 a Comissão publicou um texto apêlo que foi largamente distribuído e do qual alguns jornais e periódicos franceses se fizeram eco, entre os quais o jornal l'Humanité, l'Humanité Dimanche, France Nouvelle, etc..

Para já, e dizemos para já visto que ainda nos faltam alguns dados, temos recolhidos cerca de 12.000 francos, o que está ainda longe do limite que nos propusemos, isto é 15.000 francos.

Para esta campanha de Natal 1969 contribuíram solidariamente o Socorro Popular Francês com 1.000 francos; à nossa Caixa Postal chegaram aproximadamente 3.500 francos tendo o restante sido recolhido pelos amigos da nossa Comissão, pelos Comités e por amigos emigrados noutros países estrangeiros.

No próximo número deste boletim daremos um resumo detalhado das verbas recebidas salientando a sua proveniência e importância.

mesmos chefes e até o mesmo ministro continuam a mergulhar Portugal nas trevas repressivas das prisões, das torturas, das perseguições.

O povo português porém não se deixou ludibriar: As assinaturas pela Amnistia recolhidas no período "eleitoral" foram, já depois dele terminado, entregues ao Governo por uma grande Comissão. E em todo o país a actividade anti-repressiva vem a acompanhar a movimentação democrática que não terminou com as "eleições" e se prolonga à escala nacional:

Cabe-nos a nós, no estrangeiro, apoiar esse movimento pró-amnistia que se desenvolveu em Portugal multiplicando as nossas acções (petições, protestos, recolha de assinaturas, mensagens, recolha de fundos, difusão de "O GRITO" e de todas as publicações pró-amnistia), multiplicando os nossos contactos com os democratas estrangeiros, procurando que eles também ajudem a luta do povo português para arrancar das cadeias os presos, da clandestinidade os perseguidos, do estrangeiro os exilados, para obrigar à dissolução efectiva da PIDE e dos tribunais especiais, para acabar com toda a repressão fascista.

Ampliemos no estrangeiro o GRITO que percorre Portugal.

AMNISTIA! LIBERDADE!
DISSOLUÇÃO DA PIDE!

CENSURA -

um modo de repressão violentamente combatido

A mentira da liberalização encontrou na actividade cultural um bom campo para se infiltrar. Caetano pensou que uma ou duas medidas seriam suficientes para enganar e levar a intelectualidade, os jovens estudantes, os jornalistas a não lutar, a esperar o que viria depois. Como noutros campos a palavra de ordem difundida pelos fascistas, as mais das vezes por intermédio de gente de tendência social-democrata ou por fascistas não "queimados", era: não reivindicuem tudo de uma vez, esperem que Caetano se consolide no Poder contra os ultras; então, sim, ele libertará totalmente a cultura do fardo salazarista.

Seguindo o exemplo dos trabalhadores, (grandes greves e outras lutas da região de Lisboa, por exemplo) e dos estudantes (formação duma Comissão Nacional dos Estudantes Portugueses para apresentar ao governo as 8 reivindicações principais da juventude estudantil, por exemplo), a intelectualidade também não se deixou enganar. Os jornalistas foram dos primeiros a desmascarar a farsa da liberalização. Pôr fim à Censura foi a sua reivindicação principal e nunca o governo lhe respondeu satisfatoriamente, nem mesmo durante a campanha "eleitoral"! É verdade que os jornais da tarde de Lisboa não têm tantos artigos cortados pela Censura como no tempo de Salazar, mas logo que um artigo toca os problemas essenciais do país ele é cortado. Finalmente a censura menos rigorosa tinha como objectivo principal precisamente alimentar a ilusão de que era o princípio da "liberalização"...

Outro aspecto da Censura que foi violentamente atacado foi o do mundo teatral. A quase totalidade dos actores e actrizes de Lisboa (excluindo os revisiteiros) assinaram a reivindicação de abolição da censura teatral.

Caetano não aboliu a censura, mas foi obrigado a fazer certas aberturas também no teatro. Foi assim possível pôr em cena a peça de Aquilino Ribeiro "Tombo no Inferno", o que só por si foi ocasião a que o teatro Maria Matos se enchesse de admiradores daquele democrata e que se tivessem mesmo feito excursões de

trabalhadores. Numa destas foi até oferecido ao filho do grande escritor tantas vezes perseguido pelo fascismo, obrigado a exilar-se, a conhecer a prisão, a ver livros seus proibidos e mesmo a ser levado a tribunal por um romance considerado subversivo, um livro seu manuseado por milhares de leitores da biblioteca duma Cooperativa de Consumo (Cova da Piedade).

Maior vitória dos actores e do público foi a estreia da peça de Alves Redol "Forja" no teatro Laura Alves. O governo fascista procurou também aí enganar, mostrando que a representação duma obra teatral proibida durante 20 anos era o sinal da "libertação". O empresário serviu de intermediário de Caetano pedindo ao público no início da estreia para agradecer ao chefe do governo. Porém um espectador respondeu-lhe que não era um favor que se ficava a dever a Marcelo mas um direito, o de assistir à representação de um verdadeiro português; se era para agradecer ao governo, então ele saía. Logo de todos os lados os espectadores começaram a levantar-se para sair também. Só voltaram aos seus lugares a pedido de um actor que lhes pediu para apenas apreciarem o trabalho que eles, que vivem do espectáculo, lhes tinham preparado.

O público desmascarou assim Marcelo, mas este desmascarou-se a si mesmo inúmeras vezes, expulsando de Portugal os encenadores Luis Lima (português) e Ricardo Salvat (espanhol), o cantor Manolo Diaz (espanhol); e lançando a polícia de choque contra os jovens que no dia 1 de Fevereiro, no cemitério de Vila Franca de Xira procuravam homenagear Alves Redol, recentemente falecido. Nada faltou para mostrar a sanha repressiva, anti-cultural, dos continuadores de Salazar: 6 camionetas de polícia, metralhadoras, cães-polícias, várias pessoas agredidas... O fascismo vingava-se assim da grande sessão de evocação de Alves Redol que amigos, companheiros, escritores, etc. do grande escritor promoveram no teatro de Algés "Primeiro Plano".

Estas homenagens inscrevem-se, no terreno cultural, como uma das formas de luta do povo português contra a repressão fascista.

divulga 'O GRITO' entre
os teus amigos!

JOSÉ MAGRO

uma vida ao serviço do povo

"É necessário ter na vida uma convicção firme para se ser feliz. É necessário ser firme nas suas convicções para morrer sem medo".

Pedro Usakov

Democt. Revolucionário Russo

"Sei - todos sabemos - que falo verdade, mas todos sabemos também que é a verdade que é preciso condenar no nosso país. Não me queixo, antes me alegra saber que a injustiça da minha condenação será um pequeno facto mais a juntar a tantos outros, a juntar a todos aqueles que dia a dia e irresistivelmente estão construindo o Portugal Democrático, Próspero e Feliz de amanhã, estão construindo a nossa vitória sobre o fascismo. Isso me basta".

José Magro

São homens como este, os melhores filhos do nosso povo, que o regime fascista prende, tortura, condena a longos anos de prisão como creminhos vulgares e quantas vezes até, tem morto.

José Magro não é origem trabalhadora.

... "não sou filho da classe operária (no que teria orgulho), mas de pequenos proprietários". Porém as raízes do seu pensamento revolucionário penetram bem fundo na classe trabalhadora à qual tem dedicado a vida.

Militante comunista desde os bancos da Universidade, ... "assisti à luta da juventude contra a monopolização da cultura pelos filhos dos ricos (...) Comparticiei nessas lutas pelo direito à cultura".

Depois no decorrer da sua vida vai tomando contacto com as duras realidades do nosso país e descobrindo as raízes dos nossos males, ... "com a classe operária compreendi que, pelas suas condições particulares, está nela a vanguarda da humanidade progressiva, que está nela a chave de uma vida melhor para todos".

Ingressa na clandestinidade tomando contacto com a dureza da vida dos que defendem os justos direitos do povo, ... "bem depressa senti na carne a ferocidade da perseguição aos que seguem os interesses do povo: Preocupações de todos os momentos amigos presos e até mortos, a minha casa assaltada, a fuga, a perseguição com mulher e uma filha de meses nos braços, a brutal separação dos que me são queridos, a morte do meu pai cujos os males se agravaram com a minha situação (...) Entretanto só a prisão me deu a verdadeira medida dos métodos do regime e da PIDE.

É preso pela primeira vez em 1951 e libertado em 1956. Para um homem como José Magro a luta estava ainda no começo, reingressa de novo na clandestinidade, voltando a ser preso em 1959.

Desta vez ainda, tem mais uma palavra a dizer. Juntamente com outros camaradas alcança de novo a liberdade empreendendo uma audaciosa fuga da cadeia de Caxias e regressa de novo à actividade clandestina como Membro do Comité Central do Partido Comunista Português.

Em Maio de 1962 no decorrer da organização das grandes lutas e manifestações de Maio desse ano do proletariado de Lisboa, é de novo preso.

No conjunto cumpriu já mais de 16 anos de prisão.

José Magro é hoje um dos presos há mais tempo encarcerado e o fascismo está disposto a mantê-lo nessa situação ainda por longos anos dado que o Tribunal Plenário o condenou da última vez a 16 anos de prisão e "medidas de segurança".

Em todas as ocasiões em que foi preso José Magro manteve sempre uma firme conduta ante a polícia e os tribunais fascistas. Todas as transcrições aqui feitas foram tiradas da sua intervenção no tribunal que o julgou em 1952, quando da sua primeira prisão.

RÁDIO

A VOZ DA LIBERDADE

AS SEGUNDAS, QUARTAS E SABADOS :
A partir das 01, 15 (uma hora e um quarto),
em ondas curtas em 25, 31 e 49 metros e
em ondas médias em 230, 320 e 550 metros.
Aos sábados só em ondas curtas.

RÁDIO

PORTUGAL LIVRE

TODOS OS DIAS

Das 8 às 8.30 em 19 metros; das
20 às 22 h. em 25 metros; e
das 0,26 às 0,50 em 26,32 e 36
metros.

como o Estado repressivo mascara de "ELEIÇÕES" uma FARSA fascista

Pela força das acções populares e democráticas que desde o início do ano preparavam a participação anti-fascista, apesar dos boatos de adiamento, das proibições que foram lançadas contra as reuniões pré-eleitorais, das reuniões que foram dissolvidas pela polícia, Marcelo Caetano encravado entre a sua demagogia liberalizante e a pressão das massas, foi obrigado a marcar as "eleições".

Nas condições de falta de liberdade e de repressão, não havia que esperar vitórias democráticas. Digamos simplesmente que é bastante significativa a percentagem alcançada naquelas condições pela Oposição Democrática (indo mesmo à maioria em alguns centros industriais - Almada Barreiro), como significativo é que naquela percentagem a quase totalidade pertença às listas da CDE, as únicas que tinham feito da unidade sem exclusivos a sua palavra de ordem.

Falemos sobretudo das razões por que os números apresentados pelo governo não têm qualquer significado.

Por todo o país, às centenas ou aos milhares (conforme a dimensão das salas) homens, mulheres, jovens encheram as sessões públicas de apoio aos candidatos, aplaudindo o seu programa de acção anti-fascista. Mas dentre esses milhares de entusiastas partidários da democracia, apenas umas dezenas estavam inscritos nos cadernos eleitorais, só escassas dezenas iriam portanto votar.

Assa fora a primeira acção anti-democrática do governo. De Janeiro e Março de 1969 o regime fez tudo para esconder ou dificultar o recenseamento: este quase não foi anunciado e não foram dadas aos trabalhadores condições para se recensearem, dado que a quase totalidade dos postos de recenseamento oficiais só estava aberto às horas de trabalho. Além disso proibiram a abertura de postos particulares de recenseamento, organizaram a destruição dos cartazes da Oposição, a prisão de jovens que distribuíam manifestos apelando à inscrição, etc.

Só assim foi possível chegar-se às "eleições" sem que os cidadãos interessados estivessem inscritos. Daí a grande reivindicação de toda a Oposição de rea-

bertura do recenseamento, o que foi negado pelo "liberalizador" Caetano !

A liberdade de propaganda, segunda condição mínima para que as eleições fossem um acto sério, foi também ela mais uma vez negada. Rádio, Televisão, Cinema foram exclusivos dos fascistas; os jornais só parcialmente puderam ser utilizados pela Oposição; as salas dos edifícios públicos não foram cedidas para sessões de propaganda, assim como os terrenos desportivos; os comícios ao ar livre foram proibidos, etc.

A própria fiscalização do "acto eleitoral", tal como foi praticada, foi um simulacro de fiscalização. Esta para o ser, necessita de participar desde o primeiro ao último momento - não é apenas a presença de opositoristas na sala.

Apesar de todas estas limitações, e muitas mais? a Oposição mostrou ter consigo a maioria da população. Nas sessões como nos comícios improvisados nas vilas, à passagem de cortejos de propaganda, grandes massas aplaudiam o programa de reconstrução democrática da vida do País. Só a repressão fascista, exercida através da recusa das três condições mínimas e ainda através do medo (medo de ser seguido, de perder o emprego, de ser preso no fim das "eleições", etc.) mantiveram uma Assembleia com a mesma fauna fascista das anteriores. O povo votou nas ruas, nas salas das sessões, nas paredes.

Deu mais um passo em frente para poder amanhã votar nas assembleias eleitorais. E a lição de certos males foi tirada: a necessidade de uma organização que viva para além dos períodos eleitorais (por isso se formou o Movimento da Oposição Democrática), a necessidade de inscrever nos cadernos eleitorais a totalidade das pessoas que a tal têm direito (no actual período de recenseamento os democratas estão desenvolvendo uma grande actividade de nesse sentido).

Sem esquecer que a luta por eleições sérias é apenas uma parte de uma luta mais vasta de todo o povo pela democracia e o progresso, contra o terrorismo e todo o tipo de repressão.